

DF vive sua pior crise de inadimplência

Hugo Marques

O Distrito Federal está vivendo a pior crise de inadimplência de sua história. "Ninguém está pagando ninguém", segundo o presidente da Associação de Empresas Lojistas em Shopping Centers (Ascenter), Cláudio Antônio Ribeiro. O número de títulos protestados dobrou em outubro, o de falências triplicou e é crescente o número de empresas extintas.

A diferença desta crise das outras é que ela está atingindo principalmente as pessoas jurídicas. "Ninguém está comprando nada e ninguém está vendendo nada", diz Cláudio Antônio Ribeiro. O índice de inadimplência dos comerciantes em relação a fornecedores e a escassez do dinheiro é tão grande que alguns bancos já estão restringindo a abertura de contas para lojistas.

O Bamerindus já rejeitou várias contas de comerciantes, que não chegaram a apresentar uma margem de confiança na hora da abertura. Um dos gerentes diz que outra medida foi estipular um depósito mínimo e 20 salários míni-

mos (Cr\$ 840 mil) para abrir a conta. Só esta medida já eliminou uma grande quantidade de pequenos lojistas.

E este gerente do Bamerindus diz que muitos comerciantes que abriram conta deram cheques sem fundos para pagar fornecedores. Em algumas agências do Bradesco a situação também é complicada. O banco está pedindo "referências" de clientes antes de abrir uma conta para novo cliente, inclusive comerciantes.

Um funcionário ligado à diretoria do Bradesco diz que mais de 10% dos clientes do banco estão com seus cheques especiais "estourados" (o percentual já foi quase zero). Uma grande leva de pequenos comerciantes utilizou este recurso para quitar débitos e agora não consegue nem pagar os juros menais de 35%. O banco também cortou talões de cheques para quem não tem saldo médio de Cr\$ 100 mil e ainda está orientando os clientes a utilizarem o cartão magnético, como forma de evitar os "borrachudos".

No Unibanco, a alternativa para resolver os "pepinos" dos clien-

tes endividados foi criar um serviço de custódia de cheques pré-datados. O banco recebe e paga na hora o cheque pré-datado que o comerciante recebe dos clientes. O juro é de 32% ao mês e o cheque pode ter prazo de até 35 dias.

Cláudio Antônio Ribeiro diz que as indústrias que apostaram numa forte demanda não conseguirão vender para o comércio nos próximos meses. "Os lojistas terão de baixar os preços e vender o que têm com prejuízo", diz ele. Ribeiro acredita que a crise econômica chegou num ponto tal que "a inflação vai ter de baixar, na marra".

O comércio já abriu algumas promoções para brigar pelo dinheiro escasso. Algumas lojas de nomes famosos, que não estavam cobrando preços superiores a produtos de lojas similares, estão dando descontos grandes. Exemplo disso é a Philipe Martin que está vendendo algumas mercadorias com até 50% de desconto.

Outras promoções refletem bem o nível em que chegou a crise. E o caso da loja Rabo de Saia, que está dando desconto de 20% sobre cheques pré-datados.



A falta de dinheiro é tão grande que está deixando as lojas das entrequadradas entregues às moscas